

TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: FALANDO A LÍNGUA DAS CRIANÇAS

KRAINSKI, Adriana Cristina.

Bacharelado em Letras

Centro Universitário Internacional Uninter

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a tradução de literatura infantojuvenil no mercado editorial brasileiro tendo como suporte teórico alguns paradigmas dos Estudos da Tradução. Para isso, inicia-se com uma contextualização sobre literatura infantojuvenil e suas especificidades, que ajudam a elucidar os motivos pelo quais a tradução deste gênero se diferencia da literatura dita elevada ou canônica. Os procedimentos tradutórios adequados ao gênero vêm em seguida, baseando-se em recomendações de grandes tradutores literários e de pesquisadores e acadêmicos que se debruçaram sobre o tema. Pretende-se, por fim, chegar a um apanhado de recomendações que procuram, não exaustivamente, lidar com as maiores dificuldades na tradução de um texto literário voltado ao público infantojuvenil. Por fim, para exemplificar as ideias teóricas exploradas ao longo do artigo, parte-se para um estudo de caso de uma tradução de uma obra infantojuvenil traduzida e publicada no Brasil no ano de 2021, evocando ao mesmo tempo a teoria e as recomendações práticas e analisando como a tradução e a teoria conversam e se alinham na prática tradutória.

Palavras-chave: Tradução. Literatura infanto-juvenil. Mercado editorial.

1. Introdução

Em um mundo repleto de telas e estímulos audiovisuais constantes, em que o livro precisa competir pela atenção dos jovens com diversos outros tipos de mídia, o mercado editorial brasileiro voltado ao público infantojuvenil vem buscando nos últimos anos oferecer ao seu público leitor textos que lhes cativem a atenção não apenas pela temática, mas também pela linguagem.

Nesse tipo de texto literário, a linguagem precisa ser natural, fluida e interessante, para os jovens e as crianças e deve, ao mesmo tempo, atender critérios editoriais e linguísticos que não descaracterizem o meio em que são publicados, qual seja, o livro. A criança que lê por fruição quer que o texto fale a sua língua, uma língua jovem e acessível, sem precisar, durante a leitura, recorrer a dicionários ou ter a impressão de estar lendo um clássico de leitura inacessível que leria por obrigação no contexto escolar. O registro tende sobretudo ao coloquial, aproximando-se da oralidade e evitando os preciosismos da norma culta que soam artificiais na linguagem do dia a dia.

Neste artigo, queremos fazer uma revisão de estudos prévios sobre a tradução de literatura infanto-juvenil e entender quais são as especificidades desse gênero textual, chegando assim a uma conclusão sobre as melhores práticas tradutórias para conseguir uma tradução natural, que represente a oralidade de forma agradável e atrativa para os jovens, sempre levando em consideração as exigências editoriais no que diz respeito a adaptação do conteúdo linguístico e cultural das obras.

Um elemento muito importante nas obras literárias infanto-juvenis é o diálogo e ele aqui se torna um objeto de análise importante, uma vez que garante o ritmo, a fluidez e a naturalidade do texto. Para isso, serão analisados exemplos de uma obra recentemente publicada pela Faro Editorial, chamada *Socorro, cáí dentro do videogame*, traduzida pela autora deste artigo. Com o suporte desse texto, poderemos justificar algumas escolhas tradutórias e ver como tais escolhas se enquadram nos parâmetros que estabelecemos como desejáveis na primeira seção do artigo.

Quanto à metodologia, a pesquisa será do tipo qualitativa e o procedimento metodológico será bibliográfico, apoiando-se em alguns textos clássicos sobre estudos da tradução, artigos recentes publicados sobre a tradução de literatura infanto-juvenil, e experimental, baseado na minha própria prática profissional.

2. Metodologia

A abordagem metodológica que embasou a elaboração deste trabalho foi majoritariamente qualitativa, a partir de uma pesquisa bibliográfica, e de um estudo de caso realizado com o livro *Trapped*, de autoria do norte-americano Dustin Brady,

publicado no Brasil pela Faro Editorial sob o título de *Socorro, cáí dentro do videogame*, traduzido pela autora deste artigo.

Na pesquisa bibliográfica, a seleção das obras utilizadas na pesquisa inclui artigos publicados em periódicos brasileiros, dando-se preferência aos publicados em periódicos editados por editoras de Universidades Federais de todo o país. As palavras-chave utilizadas para a busca foram *tradução literatura infantojuvenil*, *literatura infantojuvenil*, *tradução*, *tradução literatura infantil*. Os escassos resultados demonstram que há um déficit de produção teórica a respeito do assunto, conforme observa Lathey (2016): “raramente se encontram estudos interessantes sobre o assunto. A tradução de literatura infantil dentro dos Estudos de Tradução permanece ignorada por teorizadores, editores e instituições acadêmicas”. Esse déficit nos conduziu, portanto, a pesquisas em obras estrangeiras de caráter mais manualístico e instrucional, destacando-se aqui o guia prático *Translating Children’s Literature* (Lathey, 2016).

Ao falar de tradução a partir de uma abordagem teórica, faz-se necessário evocar também textos clássicos dos Estudos da Tradução, que pautam a análise e ditam parâmetros para que se analise o alinhamento do texto analisado no estudo de caso aos pressupostos e recomendações teóricas e de práxis do mercado.

3. Revisão bibliográfica

a. Literatura Infantojuvenil

O texto literário categorizado dentro do gênero textual chamado de literatura infantojuvenil costuma reunir algumas características que o distinguem da assim dita “alta literatura”, ou literatura canônica. A literatura voltada às crianças e jovens costuma ser breve, com uma abordagem focada em ações, acontecimentos e repletos de diálogos. Além disso, os protagonistas costumam ser infantis e agem pautados por um senso de moral, de forma a guardar um certo caráter pedagógico e educativo nas obras, geralmente trazendo um desfecho positivo. (Myles McDowell, 1973 apud Lathey, 2016).

Apesar de haver muitas características que possam ser encontradas em comum nos textos e inúmeras definições teóricas sobre o que é literatura infantil, neste trabalho

trataremos a literatura infantojuvenil como aquela intencionalmente publicada pelas editoras para atingir um público com faixa etária que vai desde a fase da alfabetização até aquilo que se costumou categorizar no mercado editorial como gênero *Young Adult*. Muitas das grandes editoras atuando no mercado brasileiro têm selos dedicados a esse nicho de jovens leitores. O que caracteriza esses selos é a tentativa de chamar a atenção dos leitores por meio de recursos extratextuais (capas, ilustrações, recursos interativos), de tramas que os cativem e que usem uma linguagem com a qual o jovem esteja familiarizado, ou seja, que “falem a língua” das crianças e adolescentes.

Nesse sentido, as editoras se esforçam para criar experiências de leitura marcantes para esse público leitor. Nessa busca, dentro da lógica editorial, o que determina a escolha das obras que serão chegarão ao mercado são critérios mercadológicos, ou seja, as editoras brasileiras buscam não apenas entre os autores nacionais, mas também no exterior, por meio dos agentes literários, garantir os direitos de publicação de obras que estejam fazendo sucesso no exterior.

Dentro do processo editorial, antes que um livro chegue aos jovens e crianças que a editora quer fazer chegar, o texto passará por muitas etapas. É nesse cenário que entra o papel do tradutor que trabalha com o texto literário voltado ao público jovem. A tradução é uma das etapas do processo editorial, o pontapé inicial que permitirá que a editora em seguida trabalhe com o texto através da preparação, revisão, diagramação, impressão e, por fim, venda.

Infelizmente, encontra-se pouca informação a respeito da participação e da relevância da tradução no mercado editorial brasileiro no segmento infantojuvenil. Segundo dados da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 2001 cerca de 19% dos livros publicados para jovens e crianças no Brasil foram traduções. (AZENHA, 2015). O autor acredita que esse percentual tenha aumentado nos últimos vinte anos, embora não tenhamos encontrados dados para comprovar.

A tradução desse gênero textual tem algumas especificidades que levantam questionamentos interessantes. No prêmio mais prestigiado voltado à literatura infantojuvenil, da Fundação Nacional para o Livro Infantil e Juvenil (PRÊMIO FNLIJ), as categorias que premiam as melhores traduções e/ou adaptações foram fundidas (Mundt, 2008), o que leva a concluir que o processo de trazer uma obra de literatura infantojuvenil

estrangeira para o Brasil não é um simples trabalho de tradução, mas envolve aspectos criativos e artísticos de adaptação. Segundo Azenha (2015), “a tradução de LIJ é um campo fértil em que o tradutor é convidado, continuamente, a recriar”.

Para realizar essa recriação, o tradutor precisa inserir criatividade na sua tradução, dominando recursos linguísticos de humor, de familiaridade e interesse pelo universo infantil. Além disso, precisa ter um arcabouço cultural e uma leitura sensível para temas como hábitos, costumes, crenças e valores nas culturas de partida e de chegada do texto. Não se pode esquecer também que o texto literário voltado a esse público tem um aspecto lúdico que, segundo Azenha (2015):

(...) garante à obra, em última análise, seu caráter literário, sua pluralidade de significâncias, cujo grau máximo é atingido nos aspectos poéticos com jogos verbais infantis, provérbios, trocadilhos, cantigas de roda, que requerem do tradutor criterioso trabalho de recriação (AZARENHA, 2015).

O problema de pesquisa que se coloca aqui é tentar entender como funciona esse processo de recriação, quais são os limites de liberdade que o tradutor pode tomar, uma vez que está trabalhando com um texto de base que não pode ser descaracterizado, mas que, ao mesmo tempo, se aproxime do universo do leitor. Ainda segundo Azenha (2015), “todos os textos traduzidos são, forçosamente, recontados e adaptados ao seu ambiente de recepção”.

A esta altura, a questão fundamental dos Estudos da Tradução volta à tona com força nessa discussão, já que, ainda mais marcadamente do que na “alta literatura”, é difícil traçar limites entre tradução e adaptação / recriação na literatura infantojuvenil. É necessário, discutir e entender até que ponto o texto traduzido é um trabalho autoral. Adianta-se que os limites entre tradução e autoria são sobremaneira tênues quando se trata de literatura infantojuvenil.

Essa questão já fora levantada pela disciplina que hoje é conhecida como Estudos da Tradução, sobre a qual trataremos brevemente abaixo.

b. Estudos da Tradução

Embora a atividade tradutória remonte ao surgimento de povos diversos e línguas diversos como uma necessidade de comunicação e troca, a tradução enquanto ciência é uma disciplina relativamente recente. Os chamados Estudos da Tradução surgiram por volta da década de 1970 e discutem, por exemplo, questões relacionadas ao limite entre tradução e autoria, equivalência entre línguas, entre outros problemas teóricos.

Para fazer frente aos desafios apresentados pela tradução, sobretudo literária, os teóricos da tradução estabelecem paradigmas que buscam estabelecer métodos e procedimentos práticos alinhados a uma determinada perspectiva teórica.

Na tradução de literatura infantojuvenil, convencionou-se adotar um paradigma tradutório de equivalência natural, ou seja, busca-se produzir “traduções que de fato não soam como traduções (Pym, 2017), criando um texto natural, como se não fosse uma tradução, mas sim um texto escrito na língua de chegada.

Nos Estudos da Tradução, essa abordagem é o que se conhece por domesticização, um processo tradutório que busca criar um texto que seja de fácil compreensão para o leitor, adaptando os elementos estrangeiros do texto original à cultura local que receberá o texto. Friedrich Schleiermacher, teólogo e tradutor alemão do início do século XIX, concebeu a dicotomia entre tradução *estrangeirizadora* e tradução *domesticadora*, descrevendo esses dois movimentos da seguinte maneira: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até o autor, ou o tradutor deixa o leitor em paz, e leva o leitor até o autor” (Schleiermacher apud Pym, 2017).

Neste segundo movimento, de tradução domesticadora, mais adaptada ao caso da literatura infantojuvenil, há uma menor fidelidade formal ao texto original, pois entende-se que um texto muito estrangeirizante causará muito estranhamento no leitor, que não está familiarizado com os elementos da cultura estrangeira, como as nuances culturais e o conhecimento geográfico e histórico que pode ser necessário para fazer inferências durante a leitura. No caso da literatura infantil, é possível afirmar que o paradigma estrangeirizante, ou dito também funcional, é cabível porque a criança tem menos conhecimento de mundo do que o leitor adulto.

É necessário ter clareza sobre a abordagem adotada e os motivos da escolha. Segundo Paulo Henriques Britto (2012), um dos fatores determinantes para a escolha entre domesticação e estrangeirização é o público-alvo. Diz o autor que “quando a tradução é

destinada a leitores com menos sofisticação intelectual ou a um público infantojuvenil, o tradutor tenderá a lançar mão de estratégias domesticadoras, com o objetivo de não afastar o leitor, que talvez deixasse o livro de lado se encontrasse uma dificuldade excessiva na leitura”.

Isso de forma alguma quer dizer depreciar a capacidade cognitiva do leitor infantojuvenil e fazê-lo acreditar que está lendo uma obra original da sua cultura. O jovem leitor, durante a leitura, sabe que o livro é uma tradução e tem para isso vários indicativos: nome de autor, ambientação e caracterização dos lugares, nomes de personagens.

O objetivo não é apagar toda a estrangeiridade do texto, mas sim torná-lo inteligível e fluido, de forma que os elementos estranhos não causem excessivas interrupções na experiência de leitura. Não se pode esquecer do papel da leitura como uma forma de apresentação a novas culturas e mundos e em momento algum o tradutor pode privar o leitor desses novos conhecimentos que o livro proporciona.

Não se pode esquecer também que, no contexto infantil, a leitura tem também um caráter didático. O pequeno leitor precisa saber que a literatura proporciona experimentações com a linguagem e que através dela ele terá contato com novas palavras. Segundo Lathey (2000) *“A translator has to assume that the author of the source text has good reasons for introducing vocabulary or concepts that may seem demanding: children must, after all, learn as they read”*.

Há certamente um caminho do meio que funciona. O tradutor deve saber dosar o respeito ao texto original, seguindo o estilo e as intenções de sentido do autor, mas criando um texto que mantenha o interesse dos leitores jovens, falando a língua deles e falando de um mundo que lhes é familiar e interessante.

Pode-se, nesta altura, vislumbrar um pequeno leitor envolvido em uma leitura de uma obra infantojuvenil, que, no meio do livro, se depara com referências a nomes de ruas, monumentos, elementos culturais que lhe são estranhos. Essa experiência certamente causaria uma interrupção na leitura e até a perda de interesse do leitor no texto. Outro exemplo é quando um personagem do livro pede a outro que “fale inglês”, no sentido de falar mais claramente, de forma que ele possa compreender. Supõe-se o seguinte trecho:

ORIGINAL:

“I do not understand what you’re saying, please, speak English.

Se o jovem leitor brasileiro visse o seguinte diálogo traduzido da seguinte forma, ele poderia ficar sem entender:

TRADUÇÃO ESTRANGEIRIZADORA:

— Não entendo o que você está falando, por favor, fale inglês.

Ora, essa seria uma solução estrangeirizadora, em que o leitor seria obrigado a caminhar até o mundo referente do autor. O tradutor, ao se deparar com esse desafio, poderia optar por facilitar a compreensão do leitor e trazer o texto até a sua realidade, conforme segue:

TRADUÇÃO DOMESTICADORA:

— Não estou entendendo nada, será que dá pra falar português?

Ou então poderia optar por uma tradução mais “neutra”:

TRADUÇÃO “NEUTRA”

— Não estou entendendo, você pode falar a minha língua?

No final das contas, o objetivo do tradutor de literatura infantojuvenil é criar um texto que desperte e prenda o interesse do leitor. A adoção de uma abordagem teórica que privilegie estratégias domesticadoras é muito mais do que uma escolha metodológica, mas sim um compromisso que o tradutor assume de ser a voz dos contadores de histórias na língua e na cultura de chegada. A tradução é uma ferramenta de acesso, que permite que os jovens leitores cheguem a textos e mundos ficcionais que de outra forma lhes seriam inacessíveis, e cabe ao tradutor garantir que essa experiência seja agradável e contribua com a formação de leitores.

Para isso, ele dispõe de uma série de ferramentas linguísticas que podem ser exploradas e devem ser consideradas criticamente durante o processo de tradução. Enumeramos na sessão seguinte alguns deles.

c. Procedimentos Tradutórios adequados à tradução de literatura infantojuvenil

No aspecto linguísticos, há alguns elementos que servem para atrair atenção e dinamizar o texto. A língua portuguesa brasileira é notável por, tradicionalmente, manter um registro bastante formal e culto na sua literatura. É de costume encontrar na literatura formas linguísticas que não são praticadas na fala dos falantes. É uma prática diferente da literatura em língua inglesa, que privilegia reportar na escrita a fala como ela é, criando textos muito mais verossímeis, sobretudo no que diz respeito aos diálogos dos personagens.

Esse paradigma vem mudando e cada vez mais as editoras estão aceitando — e pedindo — que os textos publicados sejam mais coloquiais, que não causem dificuldade e que o leitor não precise recorrer a dicionários durante a leitura.

O texto contemporâneo aceita construções que fogem à norma culta, às quais Brito (2000) dá o nome de *marcas de oralidade*. Elas são marcas textuais que criam um efeito de verossimilhança no texto, a impressão que o leitor está de fato lendo a fala de uma pessoa. Brito divide as marcas de oralidade em três categorias:

- a) Fonéticas: caso em que as palavras são registradas no texto escrito da forma como se convencionou usar na língua falada. Convencionamos cortar fonemas na fala e a forma verbal *está*, quando na fala, vira a forma contraída *tá*. Outro exemplo é a preposição *para*, que costuma virar *pra* na boca dos brasileiros.
- b) Lexicais: nessa categoria de marcas de oralidade, o autor/tradutor faz escolhas de palavras que pertencem a um registro coloquial da língua. Aqui incluem-se gírias, palavrões, marcações regionais e de época.
- c) Morfossintáticas: nesta categoria de marca de oralidade, a norma culta é desviada através de procedimentos dialógicos como o uso de pronome do caso reto em

posição de objeto (*eu vi ele*), uso de pronome átono em início de oração (*me dá*). Em relação à marcação de tempo verbal, o pretérito mais que perfeito (sintético) e o futuro do presente são substituídas na fala pelas suas formas analíticas (*eu tinha feito, eu vou fazer*). Quanto aos pronomes, há uma prática de oralidade que marca os pronomes possessivos, que é a mistura da segunda com terceira pessoa do singular (pronome possessivo *teu* usado com o pronome de tratamento *você*). Por fim, outra marca que surge na linguagem oral é a supressão de pronome reflexivo (*ele levantou, em vez de ele se levantou*).

Outros elementos de extrema relevância na literatura infantojuvenil que merecem cuidado na tradução são as onomatopeias e interjeições. São recursos amplamente empregados nos diálogos, que dão vida ao texto, pois são não-palavras que expressam sentimentos e reações que não seriam tão facilmente capturadas pela linguagem verbal.

Onomatopeias são, segundo Cunha & Cintra, “palavras imitativas que procuram reproduzir aproximadamente certos sons e ruídos”. É bem sabido que essas onomatopeias variam de língua para língua e essa mudança precisa estar refletida na literatura. Em um livro traduzido para o português, um personagem gato não pode fazer *meow*. Seu miado deve ser devidamente traduzido para a versão brasileira *miau*. Por partirem de uma representação fonética de um barulho da natureza, as onomatopeias variam de língua para língua, conforme suas regras fonéticas.

As interjeições, por outro lado, são “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções”. Ou seja, a emoção é tão intensa que não há uma palavra na língua para expressá-la. O autor recorre, portanto, a expressões que denotem alegria, animação, susto, dor, etc. Essas também são culturalmente e foneticamente determinadas, e precisam ser traduzidas.

Uma das interjeições bastante usadas em textos de literatura infantojuvenil de língua inglesa é *woo-hoo*. É uma interjeição de alegria que, segundo o dicionário Merriam-Webster, é usada para expressar um profuso deleite ou aprovação. Esse mesmo som é compartilhado pela cultura brasileira para expressar animação e alegria, mas sua representação escrita é diferente, justamente por conta das características fonéticas do português. No livro que escolhemos como estudo de caso para este artigo, *Trapped*, a

tradução desta interjeição aparece como UHU (em maiúsculas, acompanhada por múltiplas exclamações).

Outro recurso importante a levar em consideração na tradução de obras infantojuvenis são as metáforas e símiles. A metáfora é uma figura de linguagem que causa uma mudança de significação nas palavras para estabelecer uma comparação não explícita entre palavras. Já o símile faz uma comparação explícita, usando conectivos (como, quanto, feito, tal qual, que nem, igual a). Os atributos usados no símile são determinados culturalmente e muitas vezes não fazem sentido na língua para a qual o texto está sendo traduzido, obrigando o tradutor a procurar no repertório da própria língua uma expressão equivalente. Trago como exemplo um problema de tradução que enfrentei ao traduzir a obra *Willa of Dark Hollow*, contratada pela editora Faro Editorial. Nessa obra, ainda no prelo, há o seguinte diálogo:

“I chased him, but he was as slippery as a spring eel and I couldn’t catch him.”

O símile encontrado aqui é *slippery as a spring eel*, que literalmente, seria traduzido como “mais escorregadio que uma enguia”. Contudo, temos em língua portuguesa uma solução muito mais idiomática para transmitir essa mesma ideia. A tradução ficou, portanto:

— Eu corri atrás dele, mas ele é mais liso que um bagre e eu não consegui pegá-lo.

Optou-se pela expressão “mais liso que um bagre”, que soa muito mais natural aos ouvidos brasileiros.

Essas são apenas algumas estratégias de domesticização possíveis que podem tornar a leitura mais fluida para os leitores infantojuvenis: marcas de oralidade, tradução de onomatopeias e interjeições e adaptação de metáforas e símiles.

Na próxima seção, vamos ver como elas foram aplicadas à tradução de um livro infantojuvenil.

4. Estudo de caso

Para tentar contribuir com essa tão necessária discussão teórica sobre tradução, tomou-se como *corpus* demonstrativo uma série infantojuvenil que a autora do artigo está traduzindo atualmente. A obra *Trapped in a videogame* foi escrita pelo norte-americano Dustin Brady, com ilustrações de Jesse Brady. O livro trata da história de um garoto chamado Jesse que, por conta de uma nova tecnologia, vai parar dentro de jogos de videogame junto com alguns de seus amigos. O autor da obra diz sobre o livro: “É muito fácil ir para outro universo enquanto jogamos videogame, não é? Entramos direto na ação. Com *Socorro, cá dentro do videogame*, eu quis fazer os jovens se sentirem como se estivessem dentro de um jogo e acompanhando uma história emocionante!”. Percebe-se que a proposta do livro é ter um apelo multimidiático, que remeta ao universo dos jogos, o que o autor faz isso através de muitas cenas de ação, recheadas de interjeições e onomatopeias, letreiros com textos típicos de jogos (*Aperte X para continuar* ou *Salvando... não feche o livro enquanto o ícone salvar estiver na página*) e todos esses elementos se apresentam como desafios de tradução.

No Brasil, a série será publicada em cinco volumes pela Faro Editorial, através do seu selo infantojuvenil Milk Shakespeare, e recebeu no Brasil o título de *Socorro, cá dentro do videogame*.

As escolhas tradutórias *a priori* para esta obra foram de manter os nomes dos personagens e lugares conforme o original, mas traduzir o nome do jogo em que os personagens vão parar. Além disso, por ser uma obra com muitos diálogos, a intenção era fazer diálogos que soassem naturais em português, que pudessem de fato estar acontecendo entre dois amigos, falantes de língua portuguesa, que se vissem naquele contexto. Quanto às interjeições e onomatopeias, todas foram adaptadas para a fonética do português, mas foi mantido o estilo do autor, de usar as interjeições em caixa alta e com uma exagerada repetição de letras (AHHHHHHHHHHHHH!, para representar um grito).

A partir de exemplos tirados dessa obra, procuraremos entender e organizar procedimentos tradutórios voltados a esse segmento, sem a pretensão de ser normativo, mas sim de arrolar métodos que funcionaram neste caso específico e que podem fornecer diretrizes para pensar a tradução de outras obras deste segmento.

Para esse fim, optou-se por tabular o texto original junto com a tradução, elencando as estratégias, segundo os procedimentos que discutimos acima, e o efeito desejado.

ORIGINAL	TRADUÇÃO	ESTRATÉGIAS E EFEITO DESEJADO
Full Blast	Potência Máxima	Mesmo sendo um nome próprio, o nome do jogo em que o personagem principal “cai” foi traduzido para evitar palavras estrangeiras durante a leitura.
SQUEAAAAAK (onomatopeia representando um inseto sendo esmagado)	SQUIIIIIIC	Adaptar uma onomatopeia para a fonética do português
BRAAAAAAAAAANG (onomatopeia para alarme)	UÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉ	Adaptar uma onomatopeia para a fonética do português
Final Boss	Chefão	Respeitar o jargão de jogos usado em português – o último vilão dos jogos é popularmente conhecido como “chefão”
“Whatever, can we just get through this before any more creepy surprise aliens pop up?” “Definitely.”	— Tá. Podemos acabar logo com isso antes que mais aliens sinistros apareçam de surpresa? — Só se for agora.	Uso de contrações. Uso de expressões coloquiais com o objetivo de manter as características de oralidade do diálogo.
Pretty cool	Bem maneiro	Tradução de gírias, buscando uma variante regional “neutra”.
“OK, tell me about this level.”	— Eric, me conta o que vai acontecer aqui.	Por se tratar de um diálogo, opção por desvio da norma culta, usando pronome em início de frase, com o intuito de privilegiar uma solução mais idiomática e oral.
IF / ELSE No apêndice do livro, há uma breve lição de programação que ensina o princípio das condicionais <i>if</i> e <i>else</i> .	IF / ELSE (se / senão)	Por se tratar de jargão técnico da área de programação, independente da língua de chegada, optou-se por manter o original, com uma tradução em português entre parênteses.

4. Considerações finais

Essa pesquisa demonstrou que, mais do que haver espaço para essa discussão na academia, faz-se necessário trazer a questão à tona para que o ofício da tradução voltada ao público infantojuvenil seja devidamente valorizado, tanto no mercado editorial quanto no meio profissional, em que muitas vezes a tradução de literatura infantojuvenil é vista como uma atividade menor, em comparação à tradução de obras da chamada “alta literatura”.

A literatura infantojuvenil impõe desafios que fazem com que a atividade tradutória desse gênero se aproxime dos limites da criação literária propriamente dita. Por se tratar de uma recriação, adaptada a uma outra cultura para poder ser acessível ao público leitor em formação, a obra traduzida tem um imenso potencial para a criatividade literária e exige do tradutor um conjunto de habilidades que incluem uma profunda familiaridade com o universo infantojuvenil e suas referências, domínio de registros coloquiais adaptados ao meio escrito, capacidade de recriar a fala e construir diálogos fluidos e naturais, conhecimento e leitura de literatura infantojuvenil traduzida e original. Nenhuma dessas habilidades é inerente ao tradutor: esse terá que se dedicar ao estudo e ao aperfeiçoamento constante para entregar às editoras textos voltados ao público infantojuvenis de alto valor literário, que cativem, encantem e ensinem, de maneira acessível, os pequenos leitores a compreender a diversidade do mundo que os cerca.

Referências

AZENHA JUNIOR, J. Tradução & literatura infantil e juvenil. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. Tradução &: perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 209-232. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books .

AZENHA JUNIOR, J. Tradução & literatura infantil e juvenil. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. *Pandaemonium germanicum* 9/2005, 367-

392. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/73944-Texto%20do%20artigo-99453-1-10-20140207%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/73944-Texto%20do%20artigo-99453-1-10-20140207%20(1).pdf)

BRITTO, Paulo Henriques. A tradução literária. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 7ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

DIAS, Renata de Sousa. TRADUZIR PARA A CRIANÇA: UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA. Dissertação de Mestrado, tomos I e II. São Paulo, FFLCH/USP 2001.

DEBUS, Eliane Santana Dias, TORRES, Marie-Hélène Catherine. SOBRE A TRADUÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS. Cad. Trad. (Florianópolis, Online), V. 36, nº 1, p. 10-15, jan-abr/2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/y3fZxZKDwLtLCTdr8HTtrrd/?lang=pt#>

LATHEY, Gillian. Translating children's literature. Nova Iorque: Routledge, 2016

MUNDT, Renata de Souza Dias Mundt. A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA_MUNDT.pdf

Pym, Anthony. Explorando as teorias da tradução I 1. ed.- São Paulo : Perspectiva, 2017.

VENUTI, Lawrence. The Translator's Invisibility: A History of Translation. Edição para a Taylor & Francis e-Library. EUA e Canadá: Routledge, 2004.

VERDOLINI, Thaís Helena Affonso. Tradução de literatura infanto-juvenil contemporânea no Brasil. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S1/thaisverdolini.pdf>

“Woo-hoo.” Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/woo-hoo>. Acessado em: 19 de janeiro de 2022.

